



Racismo: a fragilidade da estrutura¹

Antonio ARAÚJO²

Bruna ALMEIDA³

Faculdade Laboro, MA

RESUMO

Racismo; coisa de gente adulta. Um mal visível que cresce entre todas as camadas da população. Palavras afiadas que, antes de matar literalmente, matam a subjetividade. Aterroriza os negros, envergonha uma nação. E tudo parece se resolver com uma simples frase: “não sou racista”. A sociedade finge acreditar. E tudo se repete.

PALAVRAS-CHAVE: Racismo; História; Educação; Disciplina.

É sabido que a maioria da população brasileira é negra, cerca de 54%, de acordo com os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). É essa maioria que sofre por ser quem são. Negros. A pergunta mais difícil de responder é: quem são os agressores, já que quase ninguém assume ser racista?

O Datafolha em 1995 realizou uma pesquisa crucial sobre o racismo no país, revelou que 89% dos entrevistados afirmaram que existe preconceito quanto a cor da pele, mas 90% não se identificavam como racistas. Percebe-se que existe muito crime para poucos criminosos. Muitos estão no esconderijo da linguagem – “não sou racista”. (DATAFOLHA, 1995)

Um país hospedeiro, conhecido pela sua cordialidade, pelo futebol, cultura, carnaval... é esse mesmo mais que, no carnaval que se canta(va) a música: “olha a cabeleira do Zezé, será que ele é? Será que ele é?” ou “O teu cabelo não nega, mulata, porque és mulata de cor/ mas como a cor não pega, mulata/ mulata eu quero o teu amor”. Aqui se dança com músicas racistas e homofóbicas. Encontra-se racismo na música – como visto acima, e na arte, como narra a autora livro “Contorno do (in)visível: racismo e estética na pintura Brasileira”. Leves traços na arte, machinhas

¹ Trabalho apresentado para a disciplina de Produção e Inovação Científica da Faculdade Laboro realizada no dia 08 de março de 2022

² Antonio Mauro de Magalhães Araújo, aluno do curso Teoria Psicanalítica. e-mail: anttoniomauro@gmail.com

³ Orientadora do trabalho. Professora da Faculdade Laboro. Mestra em Comunicação. e-mail: professorabruna.almeida@gmail.com

para dançar... o racismo é inserido aos poucos na população e o transbordamento que se vê nas mídias, não passa de uma pequena ponta do iceberg (KARNAL, 2017; LOTERZO, 2017).

Um dos motivos, provavelmente, para que isso seja inserido é porque o Brasil ainda não tem identidade própria, isso ficou evidente quando se escolheu Gisele Bündchen como símbolo da beleza nacional na olimpíada de 2016 no Rio de Janeiro, onde a maioria aqui no Brasil são de negros e pardos. Aqui o “você tem olhos bonitos” quer dizer: “que olhos claros lindos”. Ainda se carrega uma beleza estrangeira, uma estética europeia (KARNAL, 2017).

Se o racismo é estrutural, como o próprio nome do livro – Racismo Estrutural - de Silvo Almeida (2019) mostra, onde então estaria a fragilidade dessa estrutura? Quem disse que é obrigado quebrar essa estrutura para enxergar melhorias? A melhor maneira, talvez, seja deixar de fazer manutenção dessa estrutura e aos poucos ela irá ruir.

Se inovação em processos, como afirma o Manual de Inovação (2008, p. 13) “é quando há mudança no que se faz”, logo, se faz necessário inovar a disciplina história da grade curricular. O ensino de história é fundamental para a formação do sujeito. Toda vida humana tem sua história. É por essa disciplina que o indivíduo conhece o mundo, sua nação, as dores, lutas, perdas e conquistas de seu povo. A história é uma guia para evitar novos conflitos, mudar o presente e projetar novos futuros. Negar a história é negar a própria vida (PELLEGRINI, 2009).

Portanto, diante do exposto, se faz necessário inserir na grande curricular da educação infantil e do ensino fundamental, uma subdisciplina da história. Essa, irá dialogar de forma clara e direta sobre ser negro no Brasil e no mundo. Cada escola será responsável por inserir no seu cronograma anual temas semanais pertinentes para cada faixa etária.

Essa subdisciplina não irá substituir a história, mas aprimorá-la. É falando sobre tudo que abarca o racismo, logo cedo - na infância e adolescência -, que irá abalar, com o tempo, as estruturas do racismo. A sociedade muda conforme surge novas formas de ensinar.

REFERÊNCIAS



ALMEIDA, S. L. **Racismo Estrutural**. 1º Edição. Sueli Carneiro, Pólen, Editora Jandaíra. São Paulo, 2019.

DATAFOLHA. **Datafolha revela o brasileiro**. Pesquisa inédita faz mapeamento científico do preconceito de cor no Brasil. Folha de São Paulo, 25 de junho de 1995. Disponível em: <http://almanaque.folha.uol.com.br/racismo02.pdf> Último acesso em: 06 de março de 2022.

IBGE, **Dados do IBGE mostram que 54% da população brasileira é negra**. disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-mostram-que-54-da-populacao-brasileira-e-negra/> último acesso em: 06 de março de 2022.

KARNAL, L. **Todos contra todos: o ódio nosso de cada dia**. Leya, Rio de Janeiro, 2017.

LOTIERZO, T. H. P. **Contornos do (in)visível: a redenção de Cam, racismo e estética na pintura brasileira (1850-1940)**. Orientadora: Lilia Katri Moritz Schwarcz. São Paulo, 2013.

Manuel de Inovação. Movimento Brasil Competitivo, Mobilizar para Inovar, 2008.

PELLEGRINI, M; DIAS, A. A.; GRINBERG, K. **Vontades de Saber História**. Coleção Vontade de Saber História. 1º Ed. Editora FTD. São Paulo, 2009.